POLÍTICA COMO GUERRA, NAÇÃO COMO CORPO: METÁFORAS CONCEPTUAIS NO DISCURSO NEOPENTECOSTAL BRASILEIRO

Rita de Cássia Bonfim Moura
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0008-6927-660X
Endereço eletrônico: ritabonfim17@gmail.com)

André Lisboa
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: http//orcid.org/0000-0002-2906-3107
Endereço eletrônico: euandrelisboa@gmail.com

Palavras-chave: linguística cognitiva; metáfora conceptual; frames; neopentecostalismo; discurso político.

INTRODUÇÃO

No período pós-ditadura militar no Brasil, a jovem democracia brasileira buscava estabilizar-se diante de diferentes movimentos sociais e reorganizações institucionais. Com a promulgação da Constituição Cidadã de 1988, o Estado brasileiro reafirmou seu caráter laico, desvinculando-se formalmente de qualquer religião e assegurando a liberdade religiosa como princípio fundamental. Esses discursos frequentemente produzem efeitos de polarização social, intensificando divisões ideológicas e marginalizando grupos minoritários. A imposição de valores religiosos específicos por meio da linguagem política pode resultar em práticas discriminatórias baseadas em religião, gênero, orientação sexual ou outras formas de diferença social. Nesse sentido, a expansão do conservadorismo religioso no cenário político brasileiro evidencia como a religião pode funcionar como mecanismo de mobilização emocional, explorando medos, preconceitos e ressentimentos para consolidar projetos ideológicos.

Desse modo, à luz da teoria da metáfora conceptual, desenvolvida por George Lakoff e Mark Johnson (2002), é possível compreender que esses discursos não operam apenas em nível argumentativo, mas em nível cognitivo. A metáfora, nessa perspectiva, rompe com a

concepção clássica de ornamento retórico e passa a ser entendida como mecanismo fundamental da cognição humana, responsável por organizar a maneira como os indivíduos percebem, experienciam e interpretam o mundo. Isso significa que pensamos metaforicamente antes mesmo de expressarmos metáforas linguisticamente.

Essa lógica é particularmente produtiva nos discursos neopentecostais, cuja estrutura simbólica frequentemente se ancora em metáforas como POLÍTICA É GUERRA. Expressões que suscitam o senso comum como "lutar pelos valores cristãos", "combater o inimigo" e "tomar a nação para Cristo" revelam esse enquadramento conceptual. Nesse processo, adversários políticos deixam de ser apenas opositores e passam a ocupar cognitivamente o papel de inimigos morais ou espirituais.

Outra metáfora recorrente é NAÇÃO É CORPO. Quando líderes religiosos afirmam que "o Brasil está doente" ou que "a nação precisa ser curada", acionam uma estrutura conceptual em que problemas sociais são interpretados como enfermidades morais. Nesse enquadramento, corrupção, pecado ou diversidade de valores aparecem como agentes patológicos, enquanto a religião ocupa o papel de remédio ou cura. Tal metáfora naturaliza intervenções corretivas e legitima agendas moralizantes.

De maneira semelhante, a metáfora PECADO É CONTAMINAÇÃO aparece em discursos que falam sobre "corrupção moral", "contaminação ideológica" (usa aspas?) ou necessidade de "purificação" da sociedade. Aqui, a moralidade é organizada pelo domínio da limpeza e da pureza, o que favorece a exclusão simbólica de grupos dissidentes, como minorias sexuais, movimentos feministas e religiões de matriz africana.

Essas metáforas se articulam diretamente com os frames, conceito oriundo da Linguística Cognitiva e desenvolvido por Charles Fillmore (2006). Enquanto a metáfora estabelece projeções entre domínios conceptuais, os frames ativam cenários completos de interpretação. A metáfora da guerra ativa frames como combate, soldados, vitória e derrota; a metáfora da doença ativa frames como diagnóstico, tratamento e cura. Assim, a eficácia persuasiva do discurso político-religioso não está apenas no que é dito explicitamente, mas na capacidade de mobilizar estruturas cognitivas profundamente enraizadas na experiência humana.

No contexto neopentecostal brasileiro, isso se torna especialmente relevante porque o discurso religioso opera sobre uma lógica dualista: salvação ou perdição, sagrado ou profano,

bem ou mal. Essas oposições encontram nas metáforas conceptuais um mecanismo eficiente de expansão para o campo político, convertendo disputas institucionais em embates morais absolutos. O adversário político deixa de ser um opositor legítimo e passa a ser concebido como ameaça espiritual ou manifestação do mal.

METODOLOGIA

O estudo busca compreender como discursos político-religiosos neopentecostais estruturam cognitivamente determinadas visões de mundo e influenciam práticas sociais e políticas.

O *corpus* da pesquisa é composto por discursos públicos de líderes religiosos neopentecostais brasileiros, incluindo sermões, entrevistas, pronunciamentos políticos e conteúdos audiovisuais disponibilizados em plataformas digitais, totalizando a análise de duas ocorrências extraídas de um vídeo em que retrata uma manifestação pró anistia dos condenados pelo atentado em Brasília, ocorrido em 8 de janeiro 2023. A seleção do corpus foi realizada com base na recorrência de elementos discursivos relacionados à moralidade, família, guerra espiritual e valores cristãos.

Os procedimentos metodológicos consistem em três etapas: (I) levantamento e organização do corpus; (II) identificação de metáforas conceptuais recorrentes nos discursos; e (III) análise dos frames ativados por essas metáforas. Para isso, foram observados padrões lexicais e semânticos que evidenciam projeções entre domínios-fonte e domínios-alvo, permitindo identificar estruturas como POLÍTICA É GUERRA, NAÇÃO É CORPO e PECADO É CONTAMINAÇÃO.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados preliminares evidenciam que os discursos neopentecostais analisados apresentam forte recorrência de metáforas conceptuais estruturantes, especialmente aquelas relacionadas ao domínio da guerra. Expressões como “lutar contra o mal”, “batalha espiritual” e “combater a corrupção moral” demonstram a presença da metáfora, que projeta no campo político a lógica do enfrentamento e da oposição binária entre aliados e inimigos, conforme é possível verificar no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1: Ocorrência 1

"A maior batalha da bíblia é o enfrentamento de Davi e Golias".
POLÍTICA É GUERRA

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores.

Esse achado dialoga com os estudos de Lakoff e Johnson (2002), que apontam a metáfora como mecanismo central de organização da experiência humana. No corpus analisado, percebe-se que tais metáforas não apenas ornamentam o discurso, mas moldam formas de percepção política, transformando disputas democráticas em conflitos morais absolutos.

Além disso, conforme o Quadro 2, foi identificada a recorrência da metáfora NAÇÃO É CORPO, em construções como "o Brasil está doente" ou "a sociedade precisa ser curada". Tal estrutura reforça a ideia de crise moral e legitima intervenções corretivas, geralmente associadas ao conservadorismo religioso.

Quadro 2: Ocorrência 2

"Que país é esse? Que covardia e maldade é essa?"
NAÇÃO É CORPO

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores.

Os frames ativados por essas metáforas, especialmente os de guerra, família e pureza moral, demonstram forte potencial persuasivo, pois acionam estruturas cognitivas familiares ao público-alvo. Como vantagem analítica, a abordagem cognitivista permite compreender não apenas o conteúdo ideológico do discurso, mas os mecanismos mentais que sustentam sua eficácia persuasiva. Como limitação, destaca-se a subjetividade inerente à interpretação dos dados, característica comum em pesquisas qualitativas.

CONCLUSÕES

Com base nos objetivos propostos e nos resultados obtidos até o momento, conclui-se que os discursos político-religiosos neopentecostais utilizam metáforas conceptuais como instrumentos centrais na construção de sentidos e na mobilização social e política. A partir da perspectiva da Linguística Cognitiva, foi possível observar que essas metáforas estruturam cognitivamente a realidade, influenciando percepções sobre democracia, moralidade e cidadania.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. L. L.; PINHEIRO, D. O. R.; LEMOS DE SOUZA, J.; NASCIMENTO, M. J. R.; BERNARDO, S. P. "Breve introdução à Linguística Cognitiva". In: ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de; PINHEIRO, Diogo Oliveira Ramires; FERREIRA, Rosângela Gomes; LEMOS DE SOUZA, Janderson; GONÇALVES, Carlos Alexandre. (orgs.). **Linguística Cognitiva em foco:** morfologia e semântica. Rio de Janeiro: Publit, 2010, v. 1, p. 15-50.

FILLMORE, Charles J. Frame semantics. In: GEERAERTS, Dirk (ed.). **Cognitive Linguistics:** Basic Readings. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2006. p. 373-400

LAKOFF, George. "Conceptual metaphor: the contemporary theory of metaphor". In: GEERAERTS, Dirk. **Cognitive Linguistics**: basic readings. Berlim: 2006, p. 185-238.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.